

# MÍDIAS DIGITAIS E SUAS IMPLICAÇÕES NA CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE: UM ENSAIO EXPLORATÓRIO SOBRE TELAS E REDES SOCIAIS

## DIGITAL MEDIA AND ITS IMPLICATIONS TO SUBJECTIVITY'S CONSTITUTION: AN EXPLORATORY ESSAY ON SCREENS AND SOCIAL NETWORKS

Rodrigo Zanatta<sup>1</sup>

*Welcome my son, welcome to the machine  
What did you dream?  
It's alright we told you what to dream...*  
Pink Floyd, Welcome to the Machine, 1975.

### RESUMO

Estudos sugerem que a cada vez mais precoce interação com as telas (tablets, smartphones, computadores etc.) altera as relações do sujeito com o Outro. Tais alterações, negativas ou positivas, podem ser constatadas tanto no registro neuroestrutural quanto na dinâmica das interações sociais e psicomotoras. As telas também abrem o espaço das redes sociais. O Facebook, tomado como paradigma, segundo os resultados das pesquisas de campo, fomenta experiências subjetivas muito diversas, que vão do narcisismo à expressividade e experimentação do próprio eu. Controversos, os dados parecem indicar tanto a possibilidade do uso patológico quanto saudável das redes, a depender de fatores como o contexto e época da pesquisa, e parâmetros populacionais (idade, gênero, traços de personalidade etc.). Do ponto de vista psicanalítico, a rede da suporte e faz consistir o grande Outro da linguagem e do simbólico, a partir do que o sujeito é capturado na lógica dos algoritmos. Por outro lado, a rede é também campo de extensão e estruturação da fantasia e do gozo.

**Palavras-chave:** internet, telas, Facebook, narcisismo, Outro, gozo

### ABSTRACT

Studies suggest that the increasingly precocious interaction with screens (tablets, smartphones, computers, etc.) alters the subject's relationships with the Other. Such changes, negative or positive, can be seen both in the neurostructural realm and in the

---

<sup>1</sup> O autor é psicólogo, psicanalista e engenheiro aeroespacial. É mestre em Ciências da Religião pela PUC/SP e em Engenharia Mecânica pela Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI). É também professor nos cursos de psicologia, direito e engenharias da faculdade Pitágoras/GV. Contato: rodrigozanatta@live.com.

dynamics of social and psychomotor interactions. Screens also open the way for social media. According to the results of field research, Facebook, taken as a paradigm, fosters very diverse subjective experiences, ranging from narcissism to expressiveness and experimentation of the self. Controversial, the data seems to indicate both the possibility of pathological or healthy use, depending on factors such as the context and time of the research, and population parameters (age, gender, personality traits, etc.). From a psychoanalytic point of view, the network supports and makes consistence of the great Other, of language and symbolic, from which the subject is captured in the logic of algorithms. On the other hand, the network is also a field for extension and structure to fantasy and *jouissance*.

**Keywords:** internet, screens, Facebook, narcissism, the Other, *jouissance*

## INTRODUÇÃO

Vivemos uma época especial. Podemos testemunhar em primeira mão e em tempo real uma profunda transformação social, comparável em vários sentidos àquelas induzidas pela introdução do bronze, da escrita e da prensa. Em todos esses casos, uma inovação tecnológica se torna catalizadora de uma reorganização do liame social, e consequentemente, das estruturas subjetivas, dos valores, das visões de mundo, perspectivas e formas de constituição das narrativas de indivíduos e povos. Como nos casos precedentes, tais transformações não ocorrem sem conflitos, rupturas, paradoxos, *temores e tremores*. Trata-se dos efeitos da digitalização, da *numerização*<sup>2</sup> da experiência humana, em especial do papel das mídias sociais e dos diversos tipos de *telas* diante das quais a vida é cada vez mais vivida e menos vívida.

Muitos desses efeitos já são claramente sentidos, e a atitude geral diante deles pode variar do entusiasmo apaixonado ao pessimismo armagedômico, tanto pela natureza do efeito quanto pela disposição do sujeito. Quando, na década de 1990, a internet começava a se tornar um fenômeno de massa, acalentava-se a esperança de que a “cibercultura” seria capaz de promover liberdade, informação e conhecimento em escalas

---

<sup>2</sup> Essa “numerização”, termo adaptado frequentemente usado por intelectuais franceses (*numérisation*), representa o ideal pitagórico-platônico, ainda que de forma questionável. O mundo da experiência, o mundo sensível é repartido em pequenos pedaços, relações de pequenas quantidades, e “integrado” em uma simulação que então *representa* esse mundo, qual seja, a virtualidade. A vida mental é, em si, uma representação ou simulação desse mundo. O que se introduz de novo é a camada extra de digitalização – ou numerização – entre o sujeito e o mundo. Essa camada permite que se obtenha controle discreto sobre cada “bit” da representação, ultrapassando e mediando o que seria uma reconstrução direta pelo aparato sensorio-encefálico com sua própria resolução. O mundo se traduz em números, ao mesmo tempo em que a ideia se impõe sobre a experiência sensível. No entanto, tais bits não podem ser infinitésimos, e por isso o vinil ainda é melhor que o CD ou o MP3. Ou seja: no final das contas, o silício não goza. Mas isso é puro hedonismo! Que se leia até o final.

jamais antes vistas (LEVY, 1993) – em parte, isso efetivamente ocorreu. Mas ao mesmo tempo, quase 30 anos depois, no mundo inteiro vemos as liberdades democráticas ameaçadas pelas diversas cores da “pós-verdade”, enquanto uma parcela não desprezível do debate público se degrada em torno de temas tão importantes como a terra plana, o controle da população pela vacinação, ideologia de gênero etc.

A quantidade de questões que surge da consideração desses fatos é avassaladora, e certamente será necessária uma certa distância no tempo para que estas possam ser devidamente enquadradas. No entanto, um considerável esforço de pesquisadores de diversas áreas já é capaz de nos oferecer matéria para o pensamento. O presente artigo não pretende mais que provocar ou instigar tal pensamento ao apresentar, de forma sumária, em primeiro lugar alguns retratos da situação baseados em resultados de pesquisas de tipo experimental e/ou quantitativo, e em segundo lugar, algumas formulações teóricas de cunho psicanalítico que talvez orientem e deem sentido aos fatos.

Interessa especialmente as implicações relativas às transformações subjetivas induzidas pela ubiquidade da experiência virtual. E uma vez que a presença dos dispositivos que abrem as portas dessa experiência ocorre cada vez mais cedo no desenvolvimento da criança, coloca-se a questão relativa ao alcance e à profundidade de tais transformações. Nesse sentido, a reflexão irá girar em torno dos efeitos da exposição das crianças às diversas formas de “telas” (TV, computadores, tablets, smartphones, etc.) e do mundo para o qual tais telas têm se consolidado como janela, a internet – em especial, a rede social Facebook.

## **A EXPOSIÇÃO ÀS TELAS**

Recentemente, o Instituto Nacional de Saúde dos EUA (NIH) iniciou um amplo estudo para avaliar o impacto do “tempo de tela” no desenvolvimento do sistema nervoso. Mais de 11000 crianças serão acompanhadas e terão seus cérebros escaneados durante um período de 10 anos. Embora ainda em sua fase inicial, resultados preliminares revelados pela neurocientista Gaya Dowling, em entrevista ao programa 60 Minutes da CBS News, sugerem haver uma correlação entre o tempo de exposição às telas e o amadurecimento do SNC. Aparentemente, um maior tempo de exposição às telas provoca o refinamento do córtex mais cedo que o esperado. Além disso, observou-se que crianças que passam mais de 2h ao dia expostas às telas obtêm resultados inferiores em testes de pensamento e linguagem (COOPER, 2018). A neurocientista, porém, é cautelosa quanto

às conclusões que podem ser extraídas de tais dados. Se por um lado o refinamento precoce do córtex pode ser interpretado como uma espécie de envelhecimento precoce, por outro pode ser considerado como a aquisição mais rápida das habilidades cognitivas às quais a matéria cerebral oferece suporte. Da mesma forma, os resultados inferiores nos testes de pensamento e linguagem podem simplesmente se dever ao fato da natureza dos testes não ser coerente com a possível nova realidade psicológica.

Por outro lado, um importante estudo meta-analítico recente mostrou que o uso de dispositivos de *touchscreen* favorece a aprendizagem em crianças entre 0 e 6 anos (XIE, PENG, *et al.*, 2018). Levando em consideração os resultados de 36 estudos experimentais publicados, envolvendo um total de 4206 participantes, os autores analisaram os efeitos da idade, do conteúdo a ser aprendido e das condições experimentais dos estudos para avaliar seus potenciais efeitos nos resultados obtidos até então. Verificou-se que o efeito positivo do uso de tais dispositivos é maior em 1) crianças mais velhas, 2) quando o conteúdo está relacionado a tópicos de ciência e tecnologia, 3) quando o grupo de controle não recebe nenhum outro tipo de instrução, e 4) quando efetuado em ambiente escolar. Os autores sugerem que a capacidade de representação e imaginação da criança (idade) e a natureza mais “exata” dos conteúdos científicos e tecnológicos, além do ambiente familiar, possam ter papel relevante nos efeitos. No entanto, eles também sugerem cautela nas conclusões, uma vez que potenciais efeitos colaterais (perturbações do sono etc.) e outras implicações (conversão do conteúdo aprendido para vida real, etc.) não foram consideradas.

O conjunto dos resultados dos diversos estudos é, em geral, muito controverso. Por exemplo, um estudo sugere que na leitura conjunta entre mãe e criança, a interação é menos “calorosa” quando se usam dispositivos eletrônicos (YUILL e MARTIN, 2016), ao mesmo tempo que em outro estudo, os múltiplos recursos dos dispositivos digitais parecem favorecer a interação entre mãe e criança, ainda que com um certo prejuízo no que diz respeito à compreensão das histórias (ROSS, PYE e RANDELL, 2016).

## **REDES SOCIAIS**

Estudos sobre os efeitos das redes sociais no desenvolvimento de crianças pequenas são raros. Isso provavelmente se deve à política de idade mínima para criação de um perfil, adotada por redes como o Facebook. No entanto, resultados e temas de pesquisa ligados aos efeitos das redes sociais em adolescentes, jovens e adultos são

abundantes. Partindo desse material, talvez seja possível, com um certo cuidado, reconstruir a situação em um cenário que envolva crianças pequenas.

De fato, o volume de pesquisa envolvendo tópicos ligados ao Facebook cresce rapidamente, e pode-se notar até mesmo a consolidação de um certo jargão especializado – incluindo acrônimos equivalentes. Uma das primeiras grandes sínteses dos resultados de mais de 100 estudos publicados sobre o Facebook, 6 anos após seu lançamento e envolvendo principalmente jovens universitários, sustenta que a rede social seria então usada principalmente para manter contato com outras pessoas, com a ressalva de que tal contato se caracterizaria pela tendência a “espionar” os perfis de outros usuários, o que por sua vez conduziria a um certo exibicionismo (CAPUA, 2012). O autor também destaca estudos que enfatizam os efeitos do uso do Facebook nos usuários, especialmente no tocante a seus estados de bem-estar e saúde mental, incluindo a expressão e a construção de uma autoimagem, mas também sobre como a própria noção de amizade é alterada pela experiência na rede social, além de trabalhos que discutem temas como privacidade e a eficácia da plataforma na construção de redes de “capital social”.

O trabalho de Capua (2012) foca nas motivações para o uso do Facebook, e o autor isola as seguintes: 1) iniciar e manter relacionamentos, especialmente relacionamentos superficiais ou com pessoas geograficamente distantes; 2) descobrir sobre os outros, principalmente através do que é chamado de *uso passivo*, ou seja: escrutinando os perfis de outros usuários sem interagir diretamente com eles; 3) obter reconhecimento e gratificação, o que produz efeitos no tocante à autoestima, ao narcisismo e à construção da autoimagem; 4) características de personalidade, em especial o grau de “neuroticismo”<sup>3</sup> e extroversão, incluindo a vontade ou necessidade de se comunicar; 5) influência social, o que inclui a necessidade de se alinhar e pertencer a um grupo e, por fim, 6) a própria experiência no uso da rede, ou seja: quanto mais hábil, maior o uso.

Como se pode ver, em muito pouco tempo uma única rede social – a maior e mais importante, sem dúvida – já foi capaz de provocar uma pletora de problemas de pesquisa. Estudos subsequentes sugerem que, ao oferecer um espaço de experimentação da própria identidade, o Facebook pode contribuir positivamente para o bem-estar dos sujeitos

---

<sup>3</sup> Em inglês: *neuroticism*. Certamente com referência à teoria dos “Big Five”. Para preservar o sabor e evitar equívocos com o uso corrente, especialmente no interior da teoria psicanalítica, no tocante a certas publicações preferimos forçar o português e manter a forma “ísmica” da palavra inglesa original, que traduzir a expressão simplesmente por “neurose”. Teria sido bom poder fazer o mesmo com o termo “narcisismo”. Aqui e em todos os outros casos de citações de originais em língua estrangeira, o autor traduziu livremente.

(WHITMAN e GOTTDIENER, 2015). Neste caso o autor se serviu de conceitos derivados da “psicologia do ego” e de teóricos como K. Horney e A. Maslow para interpretar seus resultados experimentais, relacionando certos tipos de personalidade, necessidades e mecanismos de defesa ao uso da rede social.

Rae e Lonborg (2015) aprofundaram a questão do bem-estar investigando o papel moderador das motivações para usar o Facebook em relação com a quantidade de uso. Também trabalhando com jovens universitários, seus resultados sugerem que maiores níveis de bem-estar psicológico estão associados ao uso motivado pela vontade de manter e aprofundar amizades correntes, enquanto no caso do uso motivado pela vontade de criar novos laços, não só o uso não está associado ao bem-estar psicológico, como inclusive se correlaciona com certos níveis de ansiedade.

Por sua vez, um amplo estudo realizado na Noruega para avaliar o grau de dependência no uso do Facebook mostrou que ela é maior entre mulheres, pessoas mais jovens, solteiros, estudantes, indivíduos de menor nível educacional e econômico, com baixa autoestima e com características narcisistas. Além disso, os autores da pesquisa sugerem que um tal uso das mídias sociais reflete a necessidade de “alimentar o ego” e inibir uma autoavaliação negativa (ANDREASSEN, PALLESEN e GRIFFITHS, 2016).

Os exemplos de estudos se multiplicam: Orosz, Szekeres, *et. al.* (2015) investigaram o efeito da declaração do estado de relacionamento no Facebook, e descobriram que fazê-lo aumenta o romantismo e os ciúmes. Tromholt (2016), em um estudo de uma semana com 1095 participantes na Dinamarca, mostrou que “dar um tempo” do Facebook aumenta o bem-estar em termos de satisfação com a vida e emoções positivas. Além disso, seus dados sugerem que tal efeito é mais marcante no caso de usuários intensos, passivos e que tendem a invejar outros no Facebook.

Um outro esforço de síntese merece destaque. Focando as relações entre a forma como os sujeitos se apresentam no Facebook e variáveis ligadas à saúde mental e características de personalidade, um estudo implicando 7573 indivíduos jovens adultos sugere que formas inautênticas de se apresentar estão associadas a 1) baixa autoestima e altos níveis de ansiedade social e 2) altos níveis de neuroticismo e narcisismo. Ao mesmo tempo, formas autênticas foram consistentemente relacionadas com níveis mais elevados de autoestima e percepção de suporte social (TWOMEY e O'REILLY, 2017).

Os resultados acima são corroborados por outros estudos que sugerem que a percepção de suporte social é reduzida quando o Facebook é usado para evitar o isolamento (LEE e CHO, 2017), que a apresentação inautêntica de si mesmo está

associada a problemas de saúde mental (WRIGHT, WHITE e OBST, 2018), e que existem processos psicopatológicos associados às comparações sociais, inveja e depressão no uso do Facebook (PERA, 2018).

Seria possível continuar citando mais algumas centenas de estudos por longas e intermináveis páginas. No entanto, o que foi levantado até aqui parece ser suficiente para deixar claro a efervescência e atualidade dos temas. A situação é tal que uma nova disciplina, a *ciberpsicologia*, interessada nas relações entre homens e computadores, tem tomado forma e ganhado espaço. Convém *adicioná-la, segui-la e compartilhá-la*.

## **O OUTRO, O INCONSCIENTE E A MÁQUINA. E O GOZO...**

Apesar das controvérsias, o que todos esses estudos têm em comum é a seguinte constatação: o efeito da introdução de mídias e redes sociais digitais na experiência humana não é indiferente, e deve-se esperar marcantes modificações na forma como o sujeito pensa e sente a si mesmo, os outros e o mundo. E apesar de todas as virtudes epistemológicas da pesquisa experimental, esta não seria capaz de proporcionar mais que um amontoado descoordenado de fatos e observações. Somente a elaboração teórica é capaz de ordenar e dar sentido aos fatos experimentais, e inclusive orientar a própria pesquisa experimental.

Tal é o caso da teoria psicanalítica. Um dos trabalhos mencionados acima (WHITMAN e GOTTDIENER, 2015) foi feito por pessoas que com ela parecem ter alguma ligação. Porém, visto procederem de uma orientação questionável em suas concessões e compromissos, se não envergonhada, pareceu-nos mais apropriado mantê-la à distância. Retomando o tema das telas, um trabalho merece destaque. Construindo uma articulação teórica que parte de uma perspectiva baseada em autores inscritos na tradição psicanalítica inglesa, Dubreu-Béclin (2018) sustenta que “o consumo excessivo de telas” não deixa à criança tempo o suficiente para “explorar seu ambiente através de seu corpo” e para estar em “interação afetiva e de linguagem” com seus próximos. A autora então sugere que isso pode contribuir para o retardo na aquisição da linguagem, no desenvolvimento psicomotor, na assimilação do esquema corporal ou ainda na emergência na função de representação e no acesso à socialização.

É interessante considerar o contraste entre essa reflexão e os resultados do estudo de Xie, Peng, *et. al.* (2018) acima mencionado. Ali, houve uma preocupação em salientar a interação entre a criança e o dispositivo de *touchscreen*. Era um requerimento mesmo

do estudo que a interação fosse uma interação corporal: tocar (*tapping*), arrastar, girar... e não somente uma interação passiva, tal como assistir. “Causa espécie” aquilo ao que, nas considerações dos pesquisadores, pode se reduzir a ideia de interação corporal. Evidentemente, se interessavam pela aprendizagem de conteúdos intelectuais. As considerações de Dubreu-Béclin (2018) ultrapassam em muito esse limite. Porém, devemos permanecer alertas ao próprio sentido sobre o qual desliza a noção de “interação corporal”, para que não proponhamos, de repente e sem perceber, a ideia de que uma criança pode se tornar um jogador de futebol através do jogo Fifa.

No que se refere à psicanálise propriamente dita, também aqui são muitas as pontas soltas a partir das quais é possível abordar os temas. Em se tratando da internet e das redes sociais em geral, dois caminhos nos parecem mais promissores: a relação entre a linguagem, o sujeito e a maquinaria computacional, e a questão da fantasia e do gozo.

A temática cibernética não é uma novidade na psicanálise. Já em seu segundo seminário público, enquanto construía a noção de *simbólico*, Lacan (1995 [1954-55]) recorreu ao que então era chamado de “máquinas de pensar” e à teoria cibernética para sustentar a tese da autonomia da ordem simbólica. Os elementos da linguagem se ordenam segundo leis e combinatórias que são inerentes à própria materialidade da linguagem. Uma “máquina” externa ao sujeito concatena a cadeia significante no interior da qual ele, o sujeito, se inscreve. Essa “máquina” será chamada de Outro, com O maiúsculo para diferenciá-lo do outro, com o minúsculo, o próximo. Esse Outro seria, portanto, o sujeito suposto ao ordenamento da linguagem, suposição crucial para que a matéria viva advenha como sujeito. Tal será um dos primeiros efeitos importantes do *retorno a Freud* promovido por Lacan, a partir do que tal maquinaria simbólica passa a servir de chave para compreender o conceito de inconsciente, caracterizado como “estruturado como uma linguagem” e definido como “o discurso do Outro”.

Em relação à internet, o tema foi retomado por Camargo (2012, p. 7), segundo ele, a internet é

... constituída como rede simbólica, na qual o homem contemporâneo circula, se significa, joga o jogo e, ao mesmo tempo, é jogado. Ao adotar a máquina para pensar, o próprio pensamento do homem passa a ser constituído e até mesmo operado por ela. O pensamento e o ser se inserem nas redes simbólicas que se encontram sobredeterminadas na WEB [...] as máquinas passam a pensar por outras máquinas e, especialmente, pelos sujeitos. Poderíamos afirmar que elas, de fato, passaram a ocupar o lugar em que antes se encontrava a maquinaria inconsciente? É uma questão radical, pois implica na inversão do *inconsciente como máquina* para a *máquina como inconsciente*.

Ou seja: a ideia de máquina que serviu a Lacan de metáfora para conceber o

automatismo inconsciente se materializa na internet, em especial nas redes sociais e seus algoritmos, de forma que o Outro que antes se *encarnava* em figuras de saber e autoridade, tais como o pai, o mestre, o professor, a igreja, passa então a se *ensiliciar*<sup>4</sup> em figuras aparentemente acéfalas, que se apresentam como luz em telas. Google, Facebook etc. passam a constituir a *Outra Cena*, lugar onde residem o saber e a verdade.

Avançando nesse tópico, Laurent (2017, p. 11 e segs.) verá na internet “... um novo órgão que dá aos corpos a ilusão de um acesso imediato ao mercado globalizado e numerizado ...”. Excesso de presença do Outro, segundo Laurent, a internet oferece um campo “... de expansão formidável para a loucura narcísica e as tentativas mais desengonçadas para que cada um reúna-se ao seu ser.” E comentando um dito de 1987 da famosa primeira ministra britânica, conservadora e neoliberal, Margaret Thatcher, segundo quem “a sociedade não existe, existem apenas homens, mulheres e famílias”, Laurent responde que a internet é uma evidência do contrário: “... a web é uma evidência do tudo, do Outro, que precede a cada um [...] é o ambiente que permite a constituição de impérios que querem alterar *tudo*. Amazon [...] Google [...] Facebook ...”. E contrariamente aos sonhos anarquistas da década de 1990, o autor nota que a internet é “... um espaço estruturado por mestres de um novo gênero”, onde as regras, na forma de algoritmos, escapam ao internauta que a elas se vê submetido. O sujeito se torna essencialmente sujeito aos algoritmos, onde todos os seus “clicks” são convertidos em *saber*, saber de um Outro sobre o sujeito.

Portanto, o Outro, lugar do saber e da verdade, cujo discurso é a maquinaria inconsciente que determina os sujeitos, se situa além da tela, controlando aquilo que nela aparece, e assim “formata” o pensamento e o saber da nova subjetividade<sup>5</sup>. Mas há um resto. A formação do sujeito implica que algo não cabe, não entra na combinatória da máquina, a equação não fecha. Freud deu a isso o nome de “fixação da libido”, e Lacan o chamou de *objeto a*. O próprio da pulsão sexual é justamente o fato dela não requerer um objeto. Aquilo a que ela se liga é a fantasia, no centro da qual está o objeto *a*.

A internet é também um espaço privilegiado para a roteirização da fantasia. Mundo multimídia de vídeos, imagens e hipertextos, sem deixar de ser mediada pelos algoritmos do Outro, a internet é também o lugar onde o sujeito se conecta aos pequenos outros: amor, ódio, sexo. Toda a matéria fantasmática pode ser experimentada na internet.

---

<sup>4</sup> Faço aqui uma analogia com “encarnar”, que se refere à “carne”, e o silício, material no qual se baseia a eletrônica moderna.

<sup>5</sup> Não seria impossível evocar aqui L. Vygotsky e sua noção de que o instrumento determina o pensamento.

“Alucinação consensual” (LEMOS, 2008, p. 127, *apud* NOBRE e MOREIRA, 2013, p. 284), no ciberespaço o estilo oral dos processos discursivos e um certo anonimato (em termos!) dão ao sujeito a possibilidade de experimentar novos roteiros para suas fantasias. Segundo Nobre e Moreira (2013, p. 290)

... o jogo é reencontrado na realidade virtual. Nesse emaranhado de roteiros, o sujeito, solto num mar de opções e novas modalidades do brincar, dá livre fluidez a sua fantasia que, por meio das reminiscências inconscientes do jogo infantil, reencontra-se com o prazer do lúdico atualizado on-line.

Não se deve dar aí à noção de *lúdico* e de *brincar* o sentido ingênuo e inocente que pode parecer à primeira vista. Estamos falando de fantasias no sentido freudiano. Ou seja, estamos falando também das diversas formas de *haters*, de racismo, de pedofílias e de outros efeitos de *incompatibilidade entre fantasias* que a internet anaboliza. Em consonância com as observações precedentes, o autor acrescenta que “... a própria corporalidade do Eu (ego) parece estender-se imaginariamente pelos meandros do ciberespaço ...” (*Ibidem.*, p. 292). Curiosamente, deve-se notar que frequentemente é justamente a ausência de contato corporal real, incluindo cheiro e suor, que permite que a fantasia se sustente.

No entanto, nada poderia melhor ilustrar o apelo fantasístico da internet que aquilo que é responsável por um terço de todo o tráfego online, a pornografia. Evidentemente, a humanidade não esperou a internet para produzir pornografia, mas o alcance e a extensão desta na internet é sem precedentes. Neste caso, o saber determinante do Outro é perceptível no fato de que os sites pornográficos são estruturados, também eles, como uma linguagem. No caso, significantes-mestres, isolados por redução metonímica, “pornotipos”, ordenam as cenas: hardcore, gang-bang, asian, gay, lesbian, threesome, etc. são apenas alguns exemplos (DELARUE, 2017). Nas palavras de Miller (2015, p. 105), a internet produz também

... o novo na sexualidade, em seu regime social e nas formas de sua aprendizagem [...] Eis aí os masturbadores, aliviados por não terem que produzir eles mesmos seus sonhos despertos, pois que encontram tudo já pronto, feito para eles.

Pouca coisa poderia melhor sintetizar, considerando-se inclusive seus aspectos metafóricos, um certo estilo de consumo, de *gozo* da internet e das redes sociais.

## CONCLUSÕES

O tema deste artigo é caro ao presente autor. Há muitos anos tenho ruminado

certas ideais a esse respeito, sem jamais ter organizado nada de razoavelmente consistente. Porém, deve-se considera-lo apenas como um breve ensaio, uma amostra das linhas de pensamento que suscita. Qualquer conclusão não é mais que um passo.

Neste sentido, passamos em revista uma pequena quantidade de material de origem experimental e de pesquisa de campo, que nos mostrou aspectos controversos da experiência do mundo digital. Os efeitos da introdução dos dispositivos digitais na aprendizagem de crianças pequenas podem ser positivos ou negativos, dependendo do estudo. E os efeitos das redes sociais em jovens adultos também podem ser ora positivos, ora negativos. Os temas, no entanto, giram em torno da dependência, do bem-estar, do narcisismo, da relação dos sujeitos com a própria imagem, e etc., que agora passam a ser capturados e sobredeterminados por algoritmos que ultrapassam o sujeito.

A transposição dos resultados desses últimos achados à primeira infância, em um primeiro momento, pode ser feita supondo que o acesso às “telas” aproxima a criança do acesso às redes sociais e à internet, ao novo Outro, e que é provável que quanto mais cedo isso acontecer, mais cedo e de forma mais intensa os efeitos se farão sentir. Nesse sentido, comparando os resultados de estudos mais antigos sobre as redes sociais com estudos mais recentes, percebe-se que neste último caso os sinais negativos são mais frequentes. Ora, estudos mais recentes muito provavelmente se referem a jovens adultos que já usam as redes sociais a mais tempo, portanto pelo menos desde a adolescência. Além disso, seria interessante verificar a hipótese de uma possível saturação.

Curiosamente, há uma espécie de convergência entre os dados experimentais e as considerações teóricas da psicanálise, em especial no tocante ao tema do narcisismo. Evidentemente, conceitos como o Outro e o inconsciente são abstrações que não podem ser verificadas experimentalmente. No entanto, a teoria analítica oferece um suporte conceitual que permite melhor compreender não *o que*, mas *porque* acontece o que acontece. Em outras palavras, ela permite intuir alguns dos elementos que justificam a fascinação, o interesse e a adesão ao mundo virtual. Ou seja, ela revela o mecanismo através do qual o sujeito é capturado na rede, e abre horizontes sobre as implicações dessa captura, em especial, ao se considerar a dinâmica associada ao desenvolvimento infantil. Então novas perguntas podem ser formuladas, e se o fizermos bem, até mesmo novos experimentos e sondagens de campo podem ser realizados, bem orientados pela teoria.<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> Pode-se argumentar que não há nada de novo nisso, trata-se sempre do Outro, do inconsciente etc. Da mesma forma, pode-se dizer que sempre houveram Neros no poder. Um novo Nero não seria realmente uma novidade. A novidade estaria no fato de agora ele poder ter acesso a um arsenal nuclear.

Abrimos esse texto com uma epígrafe citando Pink Floyd. Gostaríamos agora de fechá-lo com uma outra poesia, mais otimista. Dessa vez um fragmento do 18º soneto a Orpheu, de 1923, de Rainer Maria Rilke:

*... vê? A máquina...  
Como ela rola e se vinga, nos desfigura e enfraquece.  
Ainda que de nós venha sua força, que ela, sem perdão,  
empurre e sirva!<sup>7</sup>*

## **BIBLIOGRAFIA**

- ANDREASSEN, C. S.; PALLESEN, S.; GRIFFITHS, M. The Relationship Between Addictive Use of Social Media, Narcisism, and Self-Esteem: Findings from a Large National Survey. **Addictive Behaviors**, 64, n. 2017, 19 mar. 2016. 287-293. DOI: 10.1016/j.addbeh.2016.03.006
- CAMARGO, L. F. E. Notas Sobre a Maquinaria Inconsciente e a Ordem Simbólica. **Opção Lacaniana Online**, 3, n. 7, mar. 2012. 10.
- CAPUA, I. D. A Literature Review of Research on Facebook Use. **The Open Communication Journal**, 6, 2012. 37-42.
- COOPER, A. Groundbreaking Study Examines Effects of Screen Time on Kids. **CBS News, 60 Minutes**, 09 dez. 2018. Disponível em: <<https://www.cbsnews.com/news/groundbreaking-study-examines-effects-of-screen-time-on-kids-60-minutes/>>. Acesso em: 15 jan. 2019.
- DELARUE, A. The Internet is for Porn. **La Cause du Désir: Lacan avec Internet**, 97, n. 3, nov. 2017. 46-50.
- DUBREU-BÉCLIN, A. Exposition aux Écran et Croissance Psychique. **L'Evolution Psychiatrique**, 83, n. 3, set. 2018. 399-414. DOI: 10.1016/j.evopsy.2018.05.002
- LACAN, J. M. **O Seminário, Livro 2: o Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995 [1954-55]. 415 p.
- LAURENT, É. Jouir d'Internet. **La Cause du Désir. Lacan avec Internet**, 97, n. 3, nov. 2017. 11-21.
- LEE, E.-J.; CHO, E. When Using Facebook to Avoid Isolation Reduces Perceived Social Support. **Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking**, 21, n. 1, 26 jun. 2017. 8. DOI: 10.1089/cyber.2016.0602

---

<sup>7</sup> URL: <<http://gutenberg.spiegel.de/buch/sonette-an-orpheus-9414/19>>. Acesso aos 02 de março de 2019.

- LEVY, P. **As Tecnologias da Inteligência: o Futuro do Pensamento na Era da Informática**. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 1993. 208 p.
- MILLER, J.-A. L'inconscient et le corps parlant. **La Cause du Désir. L'Expérience des Addicts**, 88, nov. 2015. 104-114.
- NOBRE, M. R.; MOREIRA, J. D. O. A Fantasia no Ciberespaço: a Disponibilização de Múltiplos Roteiros Virtuais para a Subjetividade. **Ágora**, Rio de Janeiro, 16, n. 2, dez. 2013. 283-298.
- OROSZ, G. et al. Elevated Romantic Love and Jealousy If Relationship Status Is Declared on Facebook. **Frontiers in Psychology**, 6, n. 214, 26 fev. 2015. 6. DOI: 10.3389/fpsyg.2015.00214
- PERA, A. Psychopathological Processes Involved in Social Comparison, Depression, and Envy on Facebook. **Frontiers in Psychology**, 9, n. 22, 23 jan. 2018. 5. DOI: 10.3389/fpsyg.2018.00022
- RAE, J. R.; LONBORG, S. D. Do Motivations for Using Facebook Moderate the Association Between Facebook Use and Psychological Well-Being? **Frontiers in Psychology**, 6, n. 771, 12 jun. 2015. 9. DOI: 10.3389/fpsyg.2015.00771
- ROSS, K. M.; PYE, R. E.; RANDELL, J. Reading Touch Screen Storybooks with Mothers Negatively Affects 7-Year-Old Reader's Comprehension but Enriches Emotional Engagement. **Frontiers in Psychology**, 16 nov. 2016. 17. DOI: 10.3389/fpsyg.2016.01728
- TROMHOLT, M. The Facebook Experiment: Quitting Facebook Leads to Higher Levels of Well-Being. **Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking**, 19, n. 11, 1 nov. 2016. 6. DOI: 10.1089/cyber.2016.0259
- TWOMEY, C.; O'REILLY, G. Associations of Self-Presentation on Facebook with Mental Health and Personality Variable: A Systematic Review. **Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking**, 20, n. 10, 1 out. 2017. 9. DOI: 10.1089/cyber.2017.0247
- WHITMAN, C. N.; GOTTDIENER, W. H. The Cyber Self: Facebook as a Predictor of Well-being. **International Journal of Applied Psychoanalytic Studies**, 13, n. 2, 16 jan. 2015. 21. DOI: 10.1002/aps.1431
- WRIGHT, E. J.; WHITE, K. M.; OBST, P. L. Facebook False Self-Presentation Behaviors and Negative Mental Health. **Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking**, 21, n. 1, 1 jan. 2018. 10. DOI: 10.1089/cyber.2016.0647

- XIE, H. et al. Can Touchscreen Devices be Used to Facilitate Young Children's Learning? A Meta-Analysis of Touchscreen Learning Effect. **Frontiers in Psychology**, 18 dez. 2018. 15. DOI: 10.3389/fpsyg.2018.02580
- YUILL, N.; MARTIN, A. F. Curling Up With a Good E-Book. Mother-Child Shared Story Reading on Screen or Paper Affects Embodied Interaction and Warmth. **Frontiers in Psychology**, 15 dez. 2016. 12. DOI: 10.3389/fpsyg.2016.01951